Wanderson Lima Amaral



MORITVRI MORTVIS

A MORADA DOS MORTOS

Tudo o que está morto como fato, continua vivo como ensino.
Victor Hugo[1]

Numa perspectiva didática faço referência a Victor Hugo para iniciar este belo/mórbido trabalho de pesquisa histórico/Iconográfica sobre o Cemitério do Bonfim. Fruto da curiosidade pessoal sobre o local.

Tenho comigo que esta humilde produção engatinha timidamente se comparada aos profundos e respeitados estudos já realizados sobre o assunto, contudo percebo que mesmo de forma simplória este trabalho trouxe para mim experiências significativas que gostaria de compartilhar.

FOTOGRAFANDO

De acordo com Gustave Lê Gray[2] "A fotografia representa um papel importantíssimo no desenvolvimento da arte." E por ser dotada de tal importância, foi este o recurso escolhido para apresentar este trabalho. Tenho consciência de minhas limitações técnicas e práticas, alem de que não possuo equipamento fotográfico profissional. Nessa perspectiva, realizei uma série de fotografias contando apenas com uma câmera digital simples e senso estético obtido através de meus estudos em Arte.

Assim, utilizei da fotografia como anotação, sem a preocupação de descrever ou documentar sistematicamente cada registro. Porém estes registros não são simplesmente imagens fixadas através do processo fotográfico, mas uma forma de dividir minha experiência, mostrar para a população como a cidade pode ser descoberta em mínimas partes, sensibilizar as pessoas na difícil tarefa do olhar.

---

[1] Victor Marie Hugo nasceu em Paris em 1885. foi um novelista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país.

[2] Gustave Le Gray nasceu em 1820, em Paris, e estudou para se tornar pintor.Figura central da fotografia francesa do século XIX.

PROMESSA É DIVIDA

Era um final de semana como outro qualquer, eu e minha filha estávamos num clube no Bairro Padres Eustáquio em Belo Horizonte desfrutando de uma ensolarada tarde de sábado. Ao fim da tarde, indo para casa nos deparamos com a visão de um grande muro que subia a alameda. Foi então que minha filha disse:

_Pai, você me prometeu que um dia iríamos ali, no Cemitério do Bonfim!

Pode parecer estranho tal pedido, ainda mais vindo de uma criança de doze anos, porem a visita em edifícios históricos, praças galerias e cemitérios são atividades rotineiras para nós, já que, como professor de Arte, procuro observar o entorno e ver que nestes locais há uma quantidade enorme de elementos artísticos, arquitetônicos, históricos e culturais que muitas vezes passam despercebidos para a maioria das pessoas. Assim, munidos da curiosidade fomos a caminho do cemitério, e ao deparar com seus portões vimos em seu frontão os dizeres: *MORITVRI MORTVIS* .

A MORADA DOS MORTOS

Os Cemitérios não são lugares que chamam muita atenção para o público. Mas estes locais de descanso eterno podem guardar muitas histórias e riquezas artísticas. É nesta mórbida temática que inicio este trabalho a fim de apresentar um pouco sobre a Arte tumular do Cemitério do Bonfim. Esta tarefa consistiu em apresentar através de registro fotográfico a opulência de seus jazigos, as personalidades nele sepultadas e a infinidade de obras criadas por artistas de grande renome. Afinal, quando de sua inauguração, foi, inegavelmente, local destinado não somente às lamentações, mas também à ostentação, reflexo de uma cidade embrionária e emergente.

BREVE HISTÓRICO DOS PRIMÓRDIOS DE BELO HORIZONTE

Antes de adentrarmos pelos portões do cemitério vamos conhecer um breve histórico de Belo Horizonte, que inicia em 1701 com a fundação do Arraial Curral del Rei. Depois, quando se tornou Capital de Minas Gerais, passou a ser chamada em 1897 de Cidade de Minas, mas somente em 1901 foi nomeada Belo Horizonte.

A escolha da nova capital baseou-se num minucioso relatório coordenado pelo engenheiro Aarão Reis sobre as condições do local em termos de salubridade, facilidades para a construção, possibilidades de abastecimento, iluminação e articulação viária, bem como de custos demandados para a implantação.

Dado o aval, em 1884 iniciou a construção de Belo Horizonte, planejada de forma que rompesse com o modelo colonial, acompanhando os avanços mundiais, com ênfase moderna nos seus aspectos construtivos e estéticos.

INAUGURAÇÃO ANTECIPADA

Enquanto uma Cidade nascia sob o sonho de um novo e belo horizonte, houve-se a necessidade de criar uma morada para seus mortos, então um cemitério improvisado foi construído na Região Central, local onde hoje cruza a Avenida Amazonas com Rua dos Tamoios, porem a nova Capital necessitaria de uma necrópole ao tamanho de sua *pólis* e um novo cemitério começa a ser erigido na Região Noroeste. Curiosamente o novo cemitério foi inaugurado antes mesmo da inauguração da cidade, pelo fato da morte de Berthe Adele de Jaeguer, filha de Joseph de Jaegher, intermediário belga responsável pela compra e venda de mármores e granitos utilizados para erguer a nova Capital Mineira . Deu-se então a inauguração do cemitério em 8 de fevereiro de 1897, 10 meses antes de Belo Horizonte ser inaugurada.

BONFIM

Na década de 20, a população da região devota do Santo Nosso Senhor do Bonfim passou a designar a localidade com o nome do Santo, batizando informalmente a necrópole com a alcunha de Cemitério do Bonfim.

Sendo até a década de 40 o único cemitério da cidade, o Bonfim passa a receber os mortos da cidade, assim é possível observar túmulos grandiosos e ornamentados bem como túmulos modestos. De acordo com os dados atualizados em março de 2014 pela Fundação de Parques Municipais da Prefeitura de Belo Horizonte, atual detentora do Cemitério, distribuída numa área de 160.000 m2 o cemitério possui 209.257 inumados* num total geral de 17.360 sepulturas e com uma média de 105 sepultamentos mensais.

MISTÉRIOS DO BONFIM

Hoje o cemitério acumula um grande acervo de esculturas decorativas de túmulos e mausoléus com obras de arte em estilos que vão da belle epoque, neo-gótico neoclássico, art déco e ao modernismo brasileiro. Por ser fonte de memória de Belo Horizonte, o lugar desperta curiosidades e lendas. Uma das lendas mais conhecidas é da Loira do Bonfim. A versão mais comum é que um taxista conduziu uma linda mulher do Centro até o Bonfim. Ela pede que ele aguarde alguns minutos antes de entrar no cemitério e o alerta que, caso não retorne, vá até um endereço escrito em um papel pegar o valor da corrida. O taxista foi ao endereço onde estava uma senhora que afirma não ter autorizado ninguém a pegar táxi em seu nome. Ela permite que o homem entre em sua casa e vê, em cima da cristaleira, a foto da moça. Ao comentar que aquela era a moça que procurava, a senhora informou ser impossível, pois ela, sua filha, havia morrido fazia três anos e estava enterrada no cemitério do Bonfim.

*Inumação - Ação de sepultar um cadáver

SIMBOLOGIA NA ARTE TUMULAR

O homem tem uma relação estreita com a morte, uma vez que possui consciência deste fato inerente as suas forças e a angústia da morte levam a humanidade às crenças, que é justamente o que encontramos dentro dos cemitérios, nos símbolos e objetos tumulares.

Este trabalho visa mostrar que os objetos tumulares (vasos, anjos, santos etc.) juntamente com a construção arquitetônica representam simbolicamente a relação de aproximação entre vivos e mortos.

A Arte Tumular é uma forma de expressão que fala através das formas, cores e materiais que variam do mármore, granito e o bronze. A arte simbólica faz parte dos rituais fúnebres e os adornos colocados nos túmulos fazem parte desta cultura. No cemitério do Bonfim podemos identificar estas obras e ao interpretar suas significações identificamos diferenças sociais, culturais e econômicas. É através do significado de cada símbolo que conseguimos expressar diversos sentimentos com relação à morte e aquele que ali se encontra sepultado.

BREVE GLOSSÁRIO SIMBOLÓGICO:

Ampulheta: símbolo que caracteriza o passar do tempo. Expressa os mistérios de Deus na transição entre a vida e a morte.

Anjos, arcanjos, serafins e querubins: representam a missão por Deus destinada a cada ser.

Anjo que aponta: quando a mão indica o céu, significa que o falecido era considerada uma pessoa boa e espera-se que ela vá direto para o paraíso.

Anjo pensativo: quando o anjo está pensativo, com a mão no queixo, significa que está refletindo sobre a vida do falecido e não existe certeza sobre a absolvição de seus atos em vida.

Santos: simbolizam a devoção do ser ali sepultado, relacionada à imagem colocada sobre o túmulo, representando a proteção da alma pelo santo devotado.

Coroa: pode aparecer sob diversas formas, inclusive como atributo de diversos santos, representando a vitória e a soberba.

Cruz Latina: Simboliza a sorte e a esperança, representando o sacrifício e o sofrimento - a morte através da crucificação de Cristo.

Palma: simboliza a glória, a vitória celestial, representando o êxito sobre a morte.

Vaso: existem algumas formas de se utilizar este símbolo. O vaso vazio representa o corpo sem alma; o vaso com lírio representa a anunciação (mensagem do Anjo Gabriel a Maria sobre o mistério da encarnação); o vaso com óleo santo, que não é comum em locais a céu aberto, representa a glória e a paz; e por fim, o vaso com um pássaro pousado na borda que representa a eterna felicidade.

Tocha: carrega o fogo que simboliza a traição, desta forma, representa a paixão.

Mausoléu: simboliza a magnitude, a grandeza e o luxo.

Virgem Maria: a escultura de Maria com Jesus recém crucificado nos braços representa o desejo de que a alma seja bem recebida.

Guirlanda: simboliza o triunfo da vida sobre a morte.

Coluna partida: patas esculpidas nas quinas, são usadas para lembrar que o falecido era o responsável pelo sustento da família.

Escada: intervalada em degraus finos e largos, representa a vida de altos e baixos que o morto teve.

Cruz: representa a interseção do plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares

Ampulheta: remete à utilização e fim do tempo de vida terrestre, e seu reinício em outro plano.

Globo: remete à utilização e fim do tempo de vida terrestre.

NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS

Vamos iniciar nosso passeio ao Cemitério do Bonfim e ver que ele é mais do que uma morada dos mortos e sim uma fonte viva de cultura, acervo, um verdadeiro museu a céu-aberto em estética e arte, cercado de as lendas e as histórias.

Procurei neste trabalho desmistificar os cemitérios como lugares tristes e lúgubres*. Ao contrário, são locais onde podemos admirar a arte e de forma respeitosa celebrar a memória daqueles que ali repousam.

Se passarmos a observar de forma mais detalhada os túmulos e entendermos qual sentimento cada pessoa quis transmitir através desta, certamente, não veremos mais os cemitérios como um lugar assustador, mas sim, como um lugar rico em história e sentimentos explícitos através de obras Arte.

Wanderson Lima Amaral

*Lúgubre - Que inspira sombria tristeza.



O AUTOR

Wanderson Lima Amaral, Belo Horizonte/MG- 1980.
Graduado em Artes Plásticas e licenciado em Educação Artística pela UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais, Especialista em Artes Visuais pela UFMG - Universidade do Estado de Minas Gerais, Especialista no Ensino de Artes Visuais pela UFMG e Especialista em Mídias na Educação pela UFOP Universidade Federal de Ouro Preto, possui diversos cursos de aperfeiçoamento e atualizações na área de Música, Artes Visuais e afins. Professor de Artes leciona na Rede Pública e Privada.

NOTA DO AUTOR

Reservei-me em não acrescentar glossário neste trabalho visto que os registros fotográficos não seguiram uma ordenação, sendo que em muitos a captação de uma mesma imagem se deu em dias e horários diferentes.

Procurei ao máximo não registrar nomes e ou inscrições tumulares, portanto não se haverá referências nas legendas dos registros fotográficos.

Deixo ainda constado de que durante as constantes visitas ao Cemitério do Bonfim não me foi questionado/ impedido a realização das fotos.

Todos os registros fotográficos foram feitos por Wanderson Lima Amaral ao longo do ano 2014, fica portando ao mesmo a detenção dos direitos autorais das fotos.

AGRADECIMENTO

Layla Tecchio Lima, obrigado por estar sempre acompanhando papai nestas aventuras culturais.


MORITVRI MORTVIS

















